

Unificações tardias

1. Unificação italiana e alemã – Os jovens países europeus do século XIX

a) Primavera dos povos e novas fronteiras

O século XIX inundou a Europa com revoluções que não só transformaram sua cultura, política e fronteiras, mas também impactaram a vida humana nos outros continentes. As transformações advindas de crises políticas eram consequências do iluminismo e das revoluções francesa e americana somadas ao espírito nacionalista da época. Neste momento, é central a Primavera dos Povos, onda revolucionária iniciada em 1848 que marcou estas transformações. É nesse contexto que ocorreram a unificação italiana e alemã.

Até aquele momento, tais nações não existiam enquanto governos organizados, mas apenas como territórios autônomos que possuíam características em comum. Também não existia o italiano ou o alemão enquanto identidade nacional. Antes das unificações devemos nos referir àqueles habitantes como napolitanos, calabreses, genoveses, bávaros, saxões, etc.

As unificações também atendiam aos interesses da alta burguesia das nações envolvidas. Assim como no fim da Idade Média, territórios unificados significavam moedas únicas, pesos e medidas consensuais, diminuição das barreiras alfandegárias, menos impostos e expansão comercial. Desta forma, o movimento nacionalista está diretamente ligado aos interesses capitalistas no século XIX.

b) Unificação Italiana



Figura 1: Mapa dos reinos italianos antes da unificação. Disponível em: <https://twixar.me/gSNn>

O desejo de controlar toda a península itálica não surgiu no século XIX, mas é durante a unificação italiana que grupos vão se mobilizar para romper as fronteiras internas daquela região. A principal liderança neste processo foi Giuseppe Mazzini, um republicano que desejava unificar a Itália para garantir sua soberania em relação às outras potenciais europeias. Na época, o império Austro-Húngaro e a França não só tinham domínios na península itálica como também exerciam forte influência política sobre a região.

A atuação de Mazzini e seus companheiros para a unificação italiana ocorreu, principalmente, por meio de sociedades secretas. Ele fez parte da Carbonária, defensora dos valores liberais, e posteriormente fundou as organizações Jovem Itália e Jovem Europa, com vistas a fortalecer as unificações e independências. Também teve papel de destaque enquanto liderança Giuseppe Garibaldi, a mesma figura que liderou os farrapos no Brasil durante o período regencial.

Para além dos republicanos e dos monarquistas, foi a burguesia que forneceu o apoio decisivo para o sucesso da unificação, já que a classe era poderosa naquele período. É da região norte e insular da península, mais especificamente do reino de Piemonte-Sardenha, que partiu o movimento de unificação mais efetivo. A parte norte era a mais industrializada e também a mais rica. Por conta disso, era do interesse da burguesia daquela região a unificação territorial, pois poderiam expandir seus negócios e pagar menos impostos.

O rei Vitor Emanuel II e o ministro Cavour, de Piemonte, faziam a frente monarquista da unificação, expulsando os austríacos e, posteriormente, os franceses. A unificação iniciou no norte e foi em direção ao sul. Para expulsar a influência austríaca, os piemonteses firmaram uma cooperação com os franceses. No sul, Garibaldi com seu Exército das Camisas Vermelhas unificou o reino das Duas Sicílias à Piemonte-Sardenha, num apoio a Vitor-Emanuel. As regiões que restavam eram Roma e Veneza.

A Guerra Franco-Prussiana foi decisiva para a anexação desses territórios, já que Veneza estava sob o domínio austríaco e Roma sob o domínio francês. Nas negociações com a Prússia ao término da guerra, a Áustria acabou entregando Veneza para os italianos, que haviam apoiado os alemães.

Já no caso francês, quando estourou a guerra, foi o momento que os italianos puderam invadir a região, aproveitando a mudança de foco de Napoleão III. O território, que foi unificado por meio da guerra, não tinha uma população que se podia chamar de italiana. Daquele momento em diante se iniciou o projeto de criação da identidade italiana sob uma monarquia liberal, sobretudo através da língua, da cultura e da história.

Resumão: A UNIFICAÇÃO DA ITÁLIA

- Após a derrota de **Napoleão Bonaparte**, a Europa passou por uma reconfiguração de poder. Durante o Congresso de Viena (1814-1815) foi definido que as antigas monarquias que haviam sido destituídas do poder pelos franceses retornariam aos seus tronos.
- Também foi definido em Viena que a Itália seria dividida em sete Estados, cada qual com uma família real responsável. Eram eles:

Reino Sardo-Piemontês - governado pela família dos Sabóia.

Reino da Lombardia - governada pela Áustria.

Estados Pontifícios - autoridade da Igreja Católica.

Ducado da Toscana, Parma e Modena - governada pela Áustria.

Reino de Nápoles ou das Duas Sicílias - governado pela família dos Bourbons.

- Até o século XIX a Itália era basicamente agrária. Somente no norte ocorriam os primeiros investimentos na industrialização. Surgindo uma burguesia industrial.
- Em meados do século XIX, Giuseppe Mazzini tenta unificar a península itálica em uma república, mas fracassa.
- Na segunda metade do século XIX, Vítor Emanuel II, rei piemontês, recebendo apoio de Napoleão III, aproxima-se da burguesia e inicia o processo de unificação italiana.
- A Áustria coloca-se contrária a tal processo de unificação, dando início a uma guerra entre estes países.
- Com a ajuda da França, os austríacos são vencidos. Fortalecendo o processo de unificação da Itália.
- Giuseppe Garibaldi vence as batalhas de Montebello (20/05/1859) e Magenta (04/07/1859).
- A guerra une vários reinos italianos.
- A partir de 1860, os reinos são unificados e Vítor Emanuel é aclamado rei.
- Em 1870 o processo de unificação é completado e Roma torna-se a capital.
- Em 1929, através do Tratado de Latrão, é criado o Estado do Vaticano.

c) Unificação alemã

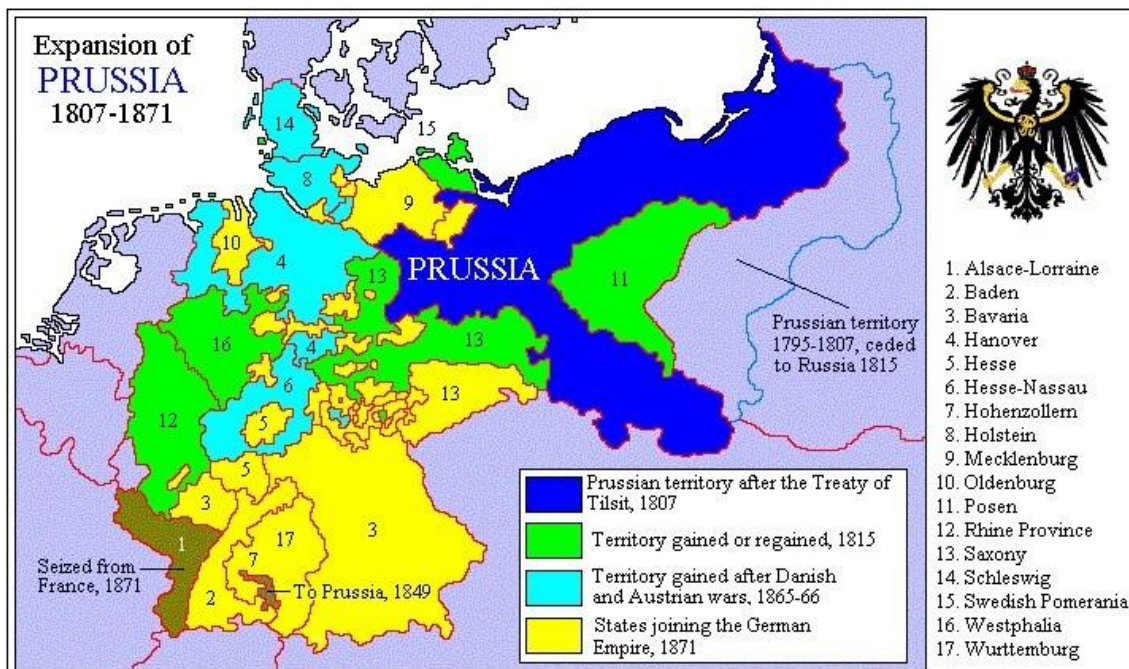


Figura 2: Mapa dos reinos alemães antes da unificação. Disponível em: <https://twixar.me/8sNn>

Assim como o caso da unificação italiana, na Alemanha o processo foi iniciado pela nação mais industrializada e rica da Europa Central: a Prússia. Esse Estado chefiava, juntamente com o Império Austro-Húngaro, a Confederação Germânica. A Confederação era formada por um conjunto de regiões que tinham o alemão como idioma. Essa forma de organização permitiu uma unificação econômica antes mesmo da unificação política. Tratava-se do Zollverein, uma política de abolição das tarifas aduaneiras entre aquelas nações instituída pela Prússia, mas não compartilhada pela Áustria.

O Zollverein possibilitou o enriquecimento da burguesia germânica, mas a monarquia prussiana desejava mais. Assim como Piemonte contou com o conde Cavour, a unificação alemã teve como principal líder o ministro Otto Von Bismarck. Por meio de investimentos estatais, Bismarck fortaleceu a economia e as forças armadas.

Esses costumam ser sinais de preparação para um futuro conflito – como de fato aconteceu. Para o contínuo enriquecimento da nação prussiana, a burguesia precisava ampliar sua fonte de recursos e seu mercado consumidor. A unificação territorial contribuía para isso, e Bismarck atuou justamente para este objetivo.

A estratégia adotada para ampliação do território prussiano e construção do Império Alemão foi o ingresso e vitória de três guerras planejadas: Contra a Dinamarca (Guerra dos Ducados), contra o Império-Austro Húngaro e contra a França (Guerra Franco-Prussiana).

O espírito nacionalista foi instrumentalizado por Bismarck para dar início a esses conflitos, convencendo o povo prussiano sobre seu direito aos territórios vizinhos. Além disso, Bismarck realizou e desfez alianças de maneira estratégica para ampliar os domínios prussianos aos poucos.

Para iniciar a Guerra Franco-Prussiana ele chegou a manipular um telegrama para o imperador francês Napoleão III. No mesmo conflito, o governante francês acabou prisioneiro, os prussianos cercaram Paris e venceram a guerra. Com o ressarcimento recebido, consolidaram o Império Alemão.

d) Impactos no Brasil

A história da unificação italiana e alemã está diretamente ligada com a história do trabalho no Brasil. Ao longo do século XIX, o Brasil se manteve como uma nação escravagista, optando por um processo de abolição gradual. Desde a vinda da família real para cá, haviam sido assinados tratados que prometiam o fim do transporte de escravizados da África para o Brasil (1808), que só iria ser efetivamente cumprido com a Lei Eusébio de Queiróz (1850). Em seguida vieram a Lei do Ventre Livre (1871) e Lei do Sexagenário (1885), até a abolição com a Lei Áurea (1888).

O Império brasileiro tinha sua base de sustentação no latifúndio, que cresceu com base na mão de obra escravizada. Contudo, já havia a percepção de que ela tinha prazo de validade, já que muitos americanos haviam abolido o regime de trabalho, pelo menos legalmente. Por isso a opção gradual parecia mais atrativa ao Império.

O projeto de nação brasileiro, influenciado pela onda positivista, almejava equiparar-se a Europa, uma nação branca que “servia de modelo” para o resto do mundo ocidental. Para isso, incentivou-se muito a imigração de europeus, que eram atraídos com promessas de terras e sucesso econômico.

Com as revoluções europeias do século XIX, incluindo as guerras de unificação italiana e alemã, houve um aumento significativo de imigração para diversas partes do Brasil. Sobretudo no sudeste e no sul – mas não exclusivamente nestas regiões –, “italianos” e “alemães” se instalaram em cidades e zonas rurais. O fato é que não se tratavam de italianos e alemães (por isso a menção em aspas), mas de europeus vindo de regiões até então unificadas, como a Sicília, Calábria, Nápoles, etc.

Por isso que no presente as famílias que preservam o idioma de origem dos seus antepassados têm dificuldade de se comunicar com os italianos e alemães atuais. Isso acontece porque após as unificações foram reformuladas as identidades daquelas nações, o que foi feito através da unificação do idioma, o que acabou criando, praticamente, uma nova língua.

Resumo:



As unificações foram movimentos com ideais nacionalistas defendidos pela burguesia do século XIX em oposição à ideias do proletariado que defendiam o internacionalismo, ou seja, acreditavam que a classe operária mundial deveria se unir e não determinados reinos. As regiões que se uniram tinham semelhanças culturais, tais como idioma, valores, ou até um passado em comum como a Península Itálica que um dia foi o Império Romano.

• Unificação Alemã



Esse movimento foi liderado pela Prússia que tomou o primeiro passo para aproximar os Reinos Germânicos com a formação da *Zollverein*, que era uma união aduaneira entre os reinos mais ao norte do futuro território alemão.

Os principais investidores na unificação eram os *Junkers*, a burguesia industrial, liderada por Otto Von Bismark, o “Chanceler de Ferro” que afirmava:

“A unificação alemã deve ser feita a base de ferro (industrialização) e sangue (guerras)”.

O processo começou na Guerra dos Ducados, e a anexação desses territórios, depois a guerra pelos territórios da Áustria que ficavam entre os dois lados do império da Prússia (abaixo representado em roxo), e por fim a anexação de territórios franceses (Alsácia e Lorena). A guerra contra a França não foi muito bem aceita, tanto que o país revidou reconquistando esses territórios na 1ª Guerra Mundial.

• Unificação Italiana (*Risorgimento*)



O processo foi liderado pelo reino de Piemonte-Sardenha e sofreu influência muito forte de milícias populares como os Carbonários, Jovem Itália e os Camisas vermelhas. *Sidenote: os últimos dois grupos foram liderados por Giuseppe Garibaldi, que atuou não apenas na unificação italiana mas também na revolta Farroupilha no Brasil durante o período regencial.*

Inicialmente, com o apoio da França, Piemonte conquista os Ducados locais e o território austríaco da Lombardia. Mais tarde, dessa vez com o apoio da Prússia, Piemonte conquista o reino de Venécia. As milícias populares levam a outros territórios a se anexarem mais para o Sul da península, até só faltar as terras da Igreja Católica que, após o “Tratado de São João Latrão” foram anexados por Mussolini anos depois do início da unificação e foi criada a Cidade do Vaticano. *Sidenote: após a primeira guerra mundial, com a derrota do império Áustro-Húngaro, a “Itália Irridente” anexou territórios austríacos.*

No entanto, a Itália permaneceu um território segregado internamente devido à industrialização do Norte e a agropecuária do Sul (lembra alguém?). Até hoje existem movimentos separatistas no Norte, como o da Padania, afirmando que o Sul causa o empobrecimento do país enquanto o Norte é o verdadeiro provedor de riqueza da Itália.

Após as unificações, a Alemanha e a Itália se tornaram grandes potências industriais, ganhando credibilidade no cenário geopolítico da Europa no Século XIX e intimidando as potências previamente existentes.

Fonte:

Curso ENEM Gratuito – Unificação italiana e alemã

Better than Google – Unificações tardias

<https://app.planejativo.com/ver-aula/91/material-de-apoio/resumo/historia-geral/unificacoes-tardias>

Resumão: A UNIFICAÇÃO DA ALEMANHA

- Até meados do século XIX, a Alemanha era formada por uma confederação de principados e Estados com sede em Frankfurt.
- A Prússia e a Áustria destacavam-se dentro desta confederação.
- A agricultura era a principal atividade econômica, mas mantinham-se relações feudais de produção.
- A mão-de-obra concentrava-se nos meios urbanos, procedentes da exclusão rural.
- Devido ao desemprego e as más condições de vida, surgem diversas revoltas por toda a Alemanha.
- A indústria estava em processo de afirmação e não ocorria em todas as regiões da Alemanha.
- Para diminuir os impostos alfandegários, é criada a Zollverein, abolição da cobrança de impostos em transações de estados alemães com exceção da Áustria.
- Essa medida impulsionou a circulação de mercadorias e também o desenvolvimento industrial na região.
- Surgem diversas e antagônicas manifestações de interesses na Alemanha:
 1. Os grandes industriários desejavam reformas garantidas por uma constituição.
 2. A pequena burguesia pretendia a democratização dos estados alemães.
 3. As lideranças urbanas e os operários partilhavam de idéias socialistas.
 4. Guilherme I, rei da Prússia, concede à Otto von Bismarck a presidência do parlamento.
- O aristocrata Bismarck, aproxima-se das camadas populares, ganhando apoio destes.
- Bismarck passa a defender a hegemonia prussiana em detrimento da Áustria.
- Em 1866, a Prússia vence os austríacos na Batalha de Sandowa. Após este confronto a Áustria desliga-se dos Estados germânicos e juntamente com a Hungria forma o Império Áustro-Húngaro.

- Mesmo com a saída da Áustria a Alemanha continua dividida.
- A Prússia lidera a Confederação Germânica do Norte.

- Os Estados do Sul foram impedidos de participar da confederação devido as ameaças de invasão da França.
- A França declara guerra à Prússia e é derrotada em 18/01/1871.
- Devido a vitória germânica é criado o Império Alemão, sob o comando de Guilherme I, que recebe o título de Kaiser (imperador).
- Com a criação do Império Alemão, a Alemanha surge como uma grande potência européia:
 1. Poderoso exército - venceu a Áustria e a França.
 2. População numerosa e urbana.
 3. Crescimento industrial invejável.
 4. Bismarck cria uma legislação trabalhista e programas de assistência social.

- Porém devido a divergências com o Kaiser Guilherme I, Bismarck, o “Chanceler de Ferro”, é deposto.
- No início do século XX a Alemanha já é uma das maiores potências mundiais.

Fonte: <http://www.historialivre.com/contemporanea/salaunifica.htm>